A CONSTRUÇÃO DA MINISSÉRIE “CAPITU”

The construction of the miniseries “Capitu”

Selvaggio, Luciana. Bacharel em Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo
luli@usp.br
Held, Maria Sílvia Barros de. Profa. Dra. - Curso de Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo.
silviaheld@usp.br
Italiano, Isabel Cristina. Profa. Dra. - Curso de Têxtil e Moda - Escola de Artes Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo
isabel.italiano@usp.br

Resumo

As obras de Machado de Assis constituem uma imagem universalista da sociedade brasileira do século XIX. Este estudo apresenta uma análise comparativa de texto sobre a produção da minissérie Capitu, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, produzida pela emissora de TV Rede Globo e concomitantemente a época em voga na qual se passa o romance machadiano.

Palavras- chave: minissérie Capitu; figurino; século XIX.

Abstract

The works of Machado de Assis is a universal image of the brazilian society of the nineteenth century, and, taking this premise as a basis, his works are sources for production and study of several areas. In this sense, aims provide a comparative analysis of text, on the micro series Capitu production, directed by Luiz Fernando Carvalho, produced by Rede Globo TV broadcast of the season and concomitantly in vogue which is the novel´s machadian.

Keywords: miniseries Capitu; costumes; nineteenth century.

Introdução

A leitura machadiana é tão necessária quanto aprender a ler, pois nas minúcias de detalhes do escritor é que são formados os grandes temas e contextualização de uma época de muitas informações perdidas e com comportamento ainda mal formado.

Por conta de uma de suas obras mais conhecidas, “Dom Casmurro” se tornou um grande livro para discussões, sejam sociais, psicológicas ou que sejam simplesmente romances de novela para quem quiser assim entender.

O melhor legado que Machado de Assis deixou foi, não só a vontade e o interesse de criar novas introduções de pensamentos sobre o tema abordado, mas também a capacidade de realmente interagir com o ambiente do livro, que se torna cada vez mais atemporal, dando possibilidade a expansões.

Por isso, aqui se usufrui da expansão feita a partir da obra de Machado de Assis, a minissérie Capitu, em que a arte, o pensamento e o conjunto de entendimentos de pessoas se transformam num espetáculo de cores, fotografias e sentimentos.

O método utilizado para o desenvolvimento deste estudo foi basicamente composto de levantamentos bibliográficos e análises psicológicas. Foram estudados, dentre outros, aspectos referentes à história, comunicação e signos extraídos da obra em estudo: “Dom Casmurro” e da minissérie Capitu.

Coordenadas

Na construção dos elementos principais foi utilizada uma linha de pensamento que transfigurasse uma linguagem mais moderna e, como foi dito anteriormente, o texto é feito em camadas. Assim, o Modernismo foi colocado em primeiro plano, com o conceito de colagens, de sobreposições e *assemblages*[1], pois para o diretor da minissérie Luiz Fernando Carvalho, a escrita de Machado se sintetiza com várias épocas e contrariedades, o que acaba por se traduzir em uma colagem de argumentos.

Cenografia

A maioria dos cenários é feita em um único espaço: um salão na sede do Automóvel Club do Brasil, situado no centro do Rio de Janeiro. É um palácio em ruínas, com inserção de objetos-chave, que contextualizam o ambiente no qual os personagens atuam, mas principalmente para representar os diferentes “cantos” da memória de Dom Casmurro. Uma

---

1

possível referência seria o filme “Dogville” [2] de direção de Lars Von Trier, em que não há um cenário específico para cada cena do filme. No caso ele não é necessário para representar o lugar, pois o mais importante seria o contexto dos personagens, a interação entre eles.

Logo, o minimalismo é a essência da cenografia, cada espaço é representado por alguns móveis que por vezes são carregados pelos próprios atores, não há paredes, portas ou janelas, para que tudo fique aberto à imaginação dos espectadores.

A reciclagem é outro conceito inserido na cenografia, os “figurantes” são desenhados em papelão, jornais e cartazes que compõem um muro na rua. Nesse processo construtivo, o trabalho oferece mais ainda a idéia do multifacetado, reflexo das interferências do modernismo.

Figurino

A época na qual se passa o livro é o século XIX, entretanto o tempo é tratado como personagem, por conta das lembranças e não linearidade cronológica do livro, tanto que no primeiro capítulo as imagens de arquivo da época são mixadas ao contemporâneo. Como exemplo, uma cena de Dom Casmurro no interior de um trem no Rio de Janeiro, mantendo todas as características de um trem urbano: pichado, lotado e com figurantes vestidos de acordo com a moda atual do século XXI.

Em contraposição a isso, ao longo da narração, frases do próprio livro são escritas com a ponta de uma pena na tela.

A arte e o figurino da minissérie caminharam juntos na experiência operística, ou seja, a marcação de um personagem pelas roupas, o ritmo e a dramatização de uma ópera, a mesma ópera com que Machado de Assis dá o tom á sua obra. Assim Beth insere a teatralidade dos balés impressionistas e os tecidos que dão a atmosfera desses balés.

Elementos marcantes manifestam-se através de cores sobressalentes ao resto do figurino, e as formas apresentam-se orgânicas e sem geometrias, porque assim encarou a obra machadiana, como um círculo de composições e modo de fusão entre as duas épocas (século XIX e contemporâneo). As formas são sempre inacabadas, não há simetria aparente nas roupas, mesmo as mais alinhadas, quando não assimétricas entre as próprias formas, são assimétricas em relação ao corpo. Os figurinos ainda são reaproveitados e reconstruídos.

Beth Filipeck quis refletir os momentos diferentes da vida dos personagens também através das roupas, no sentido emocional dos mesmos, como quando eram ainda crianças, Capitu e Bentinho, tempo em que eram felizes, alegres, e iluminados, e logo depois quando

---

2

crescem e Capitu então vira mulher, é como se ela e tudo à sua volta se aprofundasse em seus olhos, de modo que tudo escurecesse á medida que a situação ficasse mais crítica.

Outro fator explicado por Beth é que ela foi criando o figurino personagem a personagem, e que enquanto os atores incorporavam os personagens, ela criava as roupas com o sentimento e a idéia que deveria ser passada, de acordo com as emoções vividas naquele momento. O mesmo também ocorria enquanto a cenografia e luz iam sendo incorporada à imagem.

Sinopse do Livro

D. Casmurro é o apelido que recebe o narrador, Bento Santiago, ao tornar-se velho ensimesmado, solitário e melancólico. Ele narra seu passado, desde a adolescência. De família rica, Bentinho – como era chamado na juventude – perdeu o pai cedo e foi criado por D. Glória, sua mãe, numa confortável casa que dividiam com alguns parentes, com seus tios Cosme, Justina e José Dias.

Para atender a uma promessa de D. Glória, que perdera o primeiro filho, Bentinho deveria tornar-se padre, se sobrevivesse. Na adolescência, entretanto, apaixona-se por Capitu, vizinha com quem convivia desde a infância. Alertada por José Dias sobre o namoro do filho, D. Glória decide enviar logo Bentinho ao seminário. Aí, ele se torna amigo de Escobar, que sugere a solução, afinal aceita, para desonerá-lo da promessa da mãe: D. Glória adotaria um menino pobre, que se tornaria padre em seu lugar.

Bentinho se forma em Direito e se casa com Capitu. Escobar desposa Sancha, amiga de Capitu, com quem tem uma filha. Depois de alguns anos, nasce Ezequiel, para alegria de Bentinho e Capitu.

Um episódio trágico interrompe a rotina em que viviam. Nadando numa manhã com o mar muito agitado, Escobar morre afogado. No velório, Bentinho fica com ciúme do modo como Capitu olha para o morto. E desde então começa a observar no filho as mesmas características do falecido amigo.

O fantasma do adultério povoa a imaginação de Bentinho, a ponto de decidir se separar. Capitu se muda para a Suíça com o filho. Anos depois, com a morte dela, Ezequiel volta para o Rio, onde fica por seis meses. Durante uma viagem de pesquisa arqueológica no Egito, contrai febre tifóide e morre. No final da vida, Bentinho – agora D. Casmurro – mora só em uma casa que mandou construir, sendo semelhante àquela onde havia passado a infância e a adolescência.

Contexto da Moda

Na segunda metade do século XVIII, com a Revolução Francesa, em 1789, ficam marcadas definitivamente as mudanças na indumentária feminina e masculina. Essas diferenças ficam bem claras, pois a Inglaterra era conhecida como a "terra da liberdade" (LAVER, 1999:149). "De repente não havia mais casacos bordados nem vestidos de brocado, perucas ou cabelo empoado." (LAVER, 1999:148). Com esses fatores, a indumentária masculina sofre algumas transformações, porém se mantêm ainda nos padrões europeus, como uso das meias de seda, sapatos, casacos e coletes bordados.

O rebuscamento de ornamento na vestimenta, as perucas e o pó de arroz foram deixados de lado para que o padrão estético no estilo inglês entrasse em voga.

A influência britânica, de estilo campestre, de caça, propõe a quebra deste padrão de luxo e poder, substituindo por roupas mais simples e confortáveis. Sendo assim, entram as roupas de casimiras, de cores sóbrias e escuras, com destaque somente para a camisa e o colete, mais justos, os calções até a altura do joelho, as botas no lugar da meias de seda brancas e dos sapatos bordados por serem mais grotescas e resistentes, além do chapéu estilo cartola que era considerado um chapéu *tricorne*[3] ao contrário, considerado precursor da cartola.

O traje inglês foi adotado definitivamente pelos franceses e isso ocorreu por conta dos alfaiates que tinham absoluta maestria em manipular os tecidos, obtendo modelagem perfeita, com o ajuste da roupa ao corpo de forma adequada. A esse estilo foi dado o nome Dândi ou Dandismo, conhecido através do senhor George Bryan Brummell, um conde inglês que se "(...) orgulhava de suas roupas não terem uma única ruga e de seus calções se ajustarem às pernas como a própria pele." (LAVER, 1999:158)

O dândi era conhecido não só pelo corte da roupa e pelos calções apertados, mas também pelo afinamento do arranjo em seu pescoço. O colarinho da camisa era virado para cima, com as duas pontas projetadas sobre o rosto, firmadas por um lenço em forma de *plastrom*[4] ou *stock* dando um ar de arrogância. (LAVER, 1999, p. 160). Era também elegante ter uma bengala. Um burguês considerava a elegância nas roupas masculinas como fundamental e essa era a sua imagem para que pudesse ser respeitado nas ruas, no trabalho e em casa, portanto este homem se porta de maneira séria e suas roupas devem demonstrar sobriedade; o fraque também dava a ele essa distinção.

[3] Chapéu de três pontas com a aba virada para cima.

[4] Gravata masculina do século XIX, com extremidades largas, laçada sob o queixo. Peça de traje formal, feita de cetim de seda.

A moda de gênero no século XIX pode ser definida basicamente por dois artigos distintos: a calça masculina e a saia feminina, cada qual com seus sinônimos de prestígio e feminilidade, respectivamente. Napoleão Bonaparte impôs novo luxo à corte e instaurou o estilo “Império”. Com a coroação de Napoleão e a imperatriz Josefina, volta-se ao uso do corpete, saias amplas, os tecidos luxuosos como o veludo, tafetás e peles, peças que tentaram ser extintas logo após a Revolução Francesa.

Como complementos da indumentária foram agregados: o chapéu, o leque e o guarda-chuva, que ofereciam equilíbrio para a estética das roupas. Os chapéus, com modelos conhecidos como de pala ou boneca, tinham abas largas, o que conferiam recato e eram amarrados no pescoço com acabamento em laço, simbolizando feminilidade (XIMENES, 2009:51).

Em 1850 surgiram as crinolinas, feitas de crina de cavalo e metal, uma armação que sustentava os tecidos das saias e ampliavam sua proporção. A moda estava muito influenciada pelo Romantismo, que estimulava as imaginações e os impulsos românticos (XIMENES, 2009:57). LAVER ainda faz analogia comparando a dimensão das crinolinas com o capitalismo, pois havia prosperidade material e expansionista, e, além disso, a crinolina também impedia maior aproximação dos corpos.

O costureiro Charles Frederic Worth, estabelece sua *Maison* em Paris, e introduz a alta costura, formando o sistema de coleções a cada estação e também diferenciou o atendimento prestado á mulher. Ao final do século foi agregado um volume feito por tecidos franzidos nos traseiros femininos, substituindo as anquinhas[5]. (XIMENES, 2009:62)

Capitu e Bentinho no Jardim

Conclusão

A respeito da minissérie, foi possível concluir que ela foi uma extensão ou aproximação da obra Dom Casmurro de Machado de Assis, tentando apenas ilustrar o romance e não transpô-lo, tanto que o texto original é mantido.

É possível também afirmar que a minissérie tentou de fato criar uma atmosfera que

[5] Armação em forma meio-saiote criada para dar volume ás nádegas, usada nos vestidos das décadas de 1870 e 1880.

levasse à compreensão de que o tema é moderno e que Machado de Assis escreveu uma obra que permite ser inserida em qualquer contexto ou cultura. Por isso a mistura de estéticas e tecnologias, porque à época em que o autor escreveu o romance, ele também sofria um bombardeio de novas informações e tecnologias, próximo à época da industrialização.

Uma relação quanto ao tempo, porém, de forma mais trágica, pode ser feita, através do período que apenas virou lembrança para D. Casmurro com a época na qual vivemos, em que a volatibilidade e efêmero constituem o cotidiano, porque os objetos eletrônicos *online* fazem com que a rapidez se sobreponha à lembrança, assim como uma estética de acumulação que nos rege, em que se trocam os objetos como uma mudança de vida, tornando o tempo indelével e simultâneo a ponto de esmagar as lembranças.

A minissérie também criou o ambiente no qual Machado de Assis vivia, pois em suas obras reproduzia os costumes da época e as contradições de seu tempo, utilizando-se de artigos, mobiliário, figurino e espaço, datados do século XIX.

Seguindo essa linha, a ópera, como Machado de Assis define a vida, também é explicitamente incorporada às cenas, como o palco, as máscaras através das maquiagens de arquétipos e dos personagens estereotipados, criando então, o mundo das aparências, o mundo da ópera como metáfora do mundo social.

A presença de gêneros musicais considerados novos e para jovens, exprime uma facilidade de relacionar as emoções dos personagens às emoções vividas hoje, como um recurso de re-aproximar os jovens que aprendem essa literatura sem que a realmente sintam-na.

As figuras das personagens parecem sempre que saíram de um espaço lúdico, como se fizessem parte de uma imaginação, que creio que esta seja de D. Casmurro, imaginação assombrada pelo tempo que perdeu, portanto as figuras têm uma imagem fantasmagórica, principalmente o próprio D. Casmurro.

A estética usada para a abertura e apresentação dos capítulos é a de colagens, repetições, cartazes como meio de uma construção de estrutura, fazendo relação com a corrente do surrealismo, do dadaísmo, assim como é feita a linguagem da obra, em pequenos pedaços que constitui o todo.

Nesse contexto também é possível entender a constante presença de D. Casmurro nas cenas, nas lembranças, como se tivesse saudade de si mesmo e materializasse isso entrando na paisagem de seu passado, mais uma vez sobrepondo o realismo com seu próprio surrealismo, sendo formado pelas partes dos outros personagens.

Um termo utilizado para designar Machado de Assis, pelo diretor da minissérie Luiz Fernando Carvalho, foi “parabólica”, tentando explicar que assim como qualquer um de nós,

do mundo atual, que convive constantemente com a internet, vídeos, músicas, textos, *blogs, fotologs*, de todo o mundo e em todas as línguas, sofreríamos influências e as colocaríamos em algum texto que escrevêssemos e que por isso, Machado de Assis também sofria influência de autores como Shakespeare e as incorporava em suas obras.

Essa idéia é claramente introduzida na cena em que Capitu e Bento vão ao baile e dançam ao som de seus respectivos *iPod´s*.

O diretor ainda explica que Machado fazia relação com entre progresso e modernidade, acreditando que a República era uma novidade que já nascia em ruínas, pois acreditava ser distinta a sociedade européia, de pensamentos positivistas e modernizadores, da sociedade brasileira, que idealizava uma modernidade galgada no trabalho escravo e por isso mesmo realizou as gravações num palácio em ruínas localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

É possível ainda, concluir que a minissérie mescla ópera, teatro, cinema mudo e elementos da cultura pop e que foi muito feliz ao construir os espaços em apenas um edifício, criando o artifício da transformação sem transporte de lugar.

O figurino, além de ser belíssimo, está de acordo com a moda da época, porém caracterizando cada personagem e dando a eles a aparência que se faz dos mesmos na imaginação. Assimila a minissérie a uma estética capaz de emocionar, combinando a sonoplastia, fotografia e arte aplicada durante todas as cenas.

Conclusão Parte 2 – Figurino Desenvolvido

Como última conclusão da análise da minissérie, foi desenvolvido um figurino feminino inspirado na personagem Capitu.

Para tanto, a base utilizada pela figurinista Beth Filipeck foi agregada, como por exemplo, as flores, as cores profundas dos olhos de Capitu misturadas aos tons pastéis suavizando a sutil sobriedade.

Os volumes e formas foram pensados de acordo com a época vigente, do final do século XIX, com saia volumosa, estruturada por crinolina, além do corpete que acentua as formas femininas.

Há, entretanto a não preocupação quanto á perfeita simetria, explorando assim o conceito de que Capitu não foi vista com linearidade pelo narrador Dom Casmurro.

Outro conceito utilizado foi o de sobreposição, os tecidos e adornos são sobrepostos da mesma maneira que a vida de Capitu teve de acordo com o narrador, em que os fatos ocorridos se justapõem à sua forma de ver a vida.

Ligado a isso também tem a pretensão de dar um caráter artesanal ao vestido, para ter a mesma impressão de que Capitu reformava os vestidos e dava características próprias a eles, seguindo a idéia contemporânea de “customização”.

Os tecidos como tule, gazar, cetim e renda tentam remeter aos tecidos nobres utilizados na época, porém pretendem dar um efeito mais lúdico pela forma em que são tratados.

O croqui foi feito digitalmente no software Corel Draw X4, dando o tom de tecnologia que o diretor Luis Fernando Carvalho atrelou à minissérie.

Croqui do figurino por Luciana Selvaggio.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **Vida privada e ordem privada no Império**. *In: História da vida privada no Brasil: Império.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Anita Correia Lima e GRINBERG, Lucia - **Para Conhecer Machado de Assis.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 12a. ed. São Paulo: Ática, 1981.

MARINHO, Euclydes. **CAPITU** [minissérie de Luiz Fernando Carvalho: escrita por Euclydes Marinho; colaboração Daniel Piza, Luiz Alberto de Abreu e Edna Palatnik; fotografias de Renato Rocha Miranda e Guilherme Maia]. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

D'INCAO; Maria Ângela. **Mulher e família burguesa.** In: *História das mulheres no Brasil*/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord.de textos) 9 ed., São Paulo: 2008.

LAVER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

L. EDMUNDO. **Namoro e Casamento**. *In: O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis.* Rio de Janeiro: Aurora, 1951. V. 1.

O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da moda**: de 1840 à década de 80. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

PERROT, Michelle. **História da vida privada. Da Revolução Francesa a Primeira Guerra**. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **Machado de Assis é moderno por excelência.** *In:* Capitu – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SÁ, Victor de. **Niilismo, uma hipótese**; Congresso A Vida da República Portuguesa, 1890-1990, Lisboa, outubro de 1991.

XIMENES, Maria Alice. *Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Sites e outras mídias consultadas:

CAMARGO, Mário Luiz de. **A história dos óculos.**
Disponível em:
<http://www.cibersaude.com.br/revistas.asp?id_materia=2654&fase=imprime>
Acesso em 07 mai.2009

DVD CAPITU©2008-2009 TV GLOBO A partir do romance Dom Casmurro de Machado de Assis DVD 1 / 2.

FERRAZ, Queila. **Historia da Moda, sobre Dândis e anti moda masculina**. Postado em Junho 29, 2006., disponível em:
<http://fashionbubbles.wordpress.com/2006/06/29/sobre-dandis-e-antimoda-masculina/>
Acesso em 10 mai. 2009

GLOBO, TV. **Fotos Capitu.** Disponível em:
< http://tvglobo.capitu.globo.com/ >
Acesso em: 04 mai. 2009

ITAÚ CULTURAL, Enciclopédia. **Assemblage**. *In: Artes Visuais*.

Atualizado em 21/05/2008.
Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=325&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=8>
Acesso em 03 mai. 2009.

KEHL,Maria Rita**. Capitu e o universo feminino**. Globo.com 2000-2009.
Disponível em:
<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM911577-7822-CAPITU+E+O+UNIVERSO+FEMININO,00.html> Acesso em 03 mai.2009.

OLIVEIRA, Fábio Crispim de. ***Dogville* e manipulação da literariedade como estrutura de um cinema narrativo.** Mato Grosso do Sul**,** v. 1, n. 5 – jul./dez. 2006.
disponível em:

<http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n5/arquivos/v5/artigoDogvilledefinitivo.pdf>
Acesso em 05 de abril de 2009

WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. **iPod**. [Sem autor específico].
Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/IPod>
Acesso em 15 jul. 2009.